

guardam traços quase que indelévels das idéias infantis e supersticiosas que foram a primeira expressão do sentimento religioso. O Bramanismo entre os hindus, o Budismo entre os tártaros, o Islamismo dos árabes, persas e povos africanos, o Judaísmo mesmo entre os descendentes dispersos dos antigos hebreus, e o Cristianismo de uma multidão de populações recentemente convertidas ao Evangelho estão cheios de crenças e de práticas que remontam ao naturalismo que essas religiões substituíram.

A magia teve sobretudo por objeto conjurar os espíritos de que os povos selvagens temem ainda mais a ação maléfica de que eles não esperam benefícios. O temor dos deuses, que tem sido a mãe da religião, pois o amor não foi senão a filha tardia, dominou desde o princípio a imaginação humana e mais frequentemente uma povoação; uma tribo possui virtudes guerreiras, mais ela manifesta resolução e coragem nos combates, mais ela se mostra pusilânime acerca das forças misteriosas de que ela supõe o universo povoado. Todos os viajantes têm assinalado a influência exercida nas sociedades selvagens e ignorantes por essas superstições, e a importância da magia está, quase que sempre, na razão do desenvolvimento do sistema demonológico. Um escritor inglês, Joseph Roberts,¹ nos descreveu o deplorável estado de credulidade a que chegaram nesse assunto os hindus. "Esse povo, escreve ele, tem tanta necessidade de demônios, de deuses e de semideuses, que vive num terror perpétuo de seu poder. Não há um casal que não tenha um abrigo ou algum lugar secreto olhado como a morada dos maus espíritos. À noite, o terror do hindu redobra, e não é senão pela mais premente necessidade que ele pode decidir, após cair o sol, em sair de sua morada. Se é constrangido a fazê-lo, ele não avança senão com a maior circunspeção e o ouvido atento. Repete encantações, toca amuletos, resmunga a cada instante orações e leva na mão um tição para afastar seus inimigos invisíveis. Ouvindo o menor ruído, a agitação de uma folha, o grunhido de algum animal, se crê perdido; imagina que um demônio o persegue e com a finalidade de ultrapassar seu pavor, põe-se a cantar, a

1 — *Oriental Illustrations of Scripture*, p. 542. Cf. Montgomery Martin, *The History of Eastern India*, tomo I, p. 193.

córnea de um animal

falar em voz alta; ele aperta o passo e não respira livremente senão após ter atingido algum lugar de segurança."

Entre os negros, essa superstição é levada a seu ápice. Nenhum indivíduo ousa se pôr a caminho senão carregado de amuletos, ou, como são chamados por eles, de grigris; são, às vezes, literalmente cobertos.² Para o negro todo objeto pode se tornar um talismã após uma consagração misteriosa. Os grigris não são somente a seus olhos um paládio para sua pessoa, são ainda objetos divinos visitados pelos espíritos, e eis por que ele lhe rende um culto. O papel considerável que representam os amuletos e os objetos consagrados na religião dos negros africanos deu a essa religião o nome de feiticismo, entendido em seguida às religiões análogas. A palavra **feitiche** é derivada do português **feitico**, que significa coisa encantada, coisa mágica, como se dizia em francês antigo, palavra que vem ela mesma do latim **fatum**, destino.³ Winterbottom pretende que a expressão de feitiche é uma alteração de **faticaria**, força mágica. Não penso assim; mas se no entanto essa etimologia é fundamentada, ela não faz senão ter conexão com um outro derivado, a palavra em questão de raiz latina **fatum**.

Os grigris são de todas as formas e variam desde a simples concha ou a córnea de um animal até o objeto mais complicado em sua fabricação, desde o mais sujo trapo até o pedaço de marroquim preparado com os maiores cuidados.⁴ "Pequenas casas," diz o viajante Gordon Laing,⁵ contendo conchas, crânios, imagens, estão sempre colocadas perto de mil e duzentos pés das diferentes entradas das cidades; olha-se para elas como a morada dos grigris, que se guardam cuidadosamente. Essa prática é comum entre todas as nações paianas que visitei. Em parte alguma, contudo, ela foi levada ao mesmo grau como no Timanni, onde não há quase nenhuma casa que não tenha seus espíritos protetores."

2 — Dav Livingstone, *Missionary Travels*, p. 435.

3 — No original diz **fétiche**, derivado do português **fetisso** (sic!). (N. do T.)

4 — Ver o que John Duncan diz nos feitiços dos fantis. (*Travels in Western Africa in 1845 and 1846*, tomo I, p. 25).

5 — *Viagem ao Timanni, ao Kouranki e ao Sulimana*, trad. por Eyriès e Larenaudière, p. 84. Cf. Duncan, o.c., tomo I, p. 50.